

Minkah

Raquel Almeida

A cama lhe causava calafrios. Era a cama em um quarto insalubre que às madrugadas recebia um visitante. Ele ajoelhava sobre a cama, a olhava fixamente e começava a tortura.

Deslizava as mãos pelas suas pernas, a passava nos seus carocinhos doloridos. Sentia seu coração saltitante, e o cujo sarcasticamente sorria, fazia sempre o mesmo caminho embora demorasse com as mãos entre suas pernas trêmulas.

“Xiu! Se contar pra alguém que eu estive aqui, da próxima vez vai ser pior”.

Não sabia exatamente o que era aquilo mas sabia que estava errado, o que mais poderia ser pior do que ter medo de dormir? De descansar depois da escola, das brincadeiras, o que mais de ruim poderia acontecer?

Ela tinha nove anos, depois onze, depois doze, o tempo passava, só não levava com ele as noites em que o visitante aparecia.

Tentou falar com a irmã o que acontecia à noite, mas não foi satisfatório, defendeu o marido com unhas, dentes, olhos e boca maldizentes. Foi então que começou a bolar seu plano.

A porta abriu, ele veio, se ajoelhou, começou pelos seios já formados, manteve por um bom tempo as mãos em suas coxas, ela percebeu que estava diferente aquele dia, não conteve o choro, e as mãos tentando adentrar sua calcinha e gritou. Conseguiu escapar e correu, a casa estava movimentada, ninguém ouviu

seu grito desesperado. Foi a noite em que enxugou as lágrimas com o seu plano, sabia, era ela sozinha contra alguma coisa, não podia deixar acontecer, já estava uma mocinha, como dizia a mãe, entendia o que acontecia, entendia a intenção do visitante, queria dar um basta naqueles minutos em que se sentia uma coisa que podia ser alisada quando ele bem quisesse.

Uma semana se passou, era sempre esse o período em que acontecia a visita indesejável. Seu pai era o pedreiro da sua casa nas horas em que não estava na feira vendendo legumes, seu quarto havia sido pintado pra amenizar a umidade. Então foi organizar: pregar o espelho, o prego onde colocava a toalha, pregou um quadro que era uma pintura antiga de seus avós, gostava de olhar os dois velhinhos como se fossem lhe proteger, era a ternura que tinha. Terminou a arrumação e largou o martelo ao lado do pé da cama, na parte de dentro, sua cama era um esconderijo de possibilidades.

O visitante era um homem alto, forte, ele sabia muito bem como amedrontar uma criança, dizia a ela que a mataria, que ninguém ia mesmo acreditar em uma menina assanhada que usava roupas curtas e brincava com os moleques na rua, que ele sabia muito bem o que ela ia fazer na rua, que só estava cuidando dela. Sabia que se não fizesse alguma coisa ia ter que conviver com essa assombração pra sempre, não tinha segurança de falar, sentia o silêncio e os olhos tristes das mulheres da sua

casa, imaginava que elas também tinham visitantes, por isso a tristeza, não queria crescer e ter aquele olhar que procurava a morte.

Aquela noite o viu entrar, tinha uma coisa entre sua bermuda, como se fosse uma seta e apontava pra ela, se sentiu sendo caçada. Fingiu estar dormindo, então ele se ajoelhou. Espremeu os olhos e pensou na pintura dos avós, pensou nos olhos tristes da mãe, das tias, da própria irmã e ele movimentando uma de suas mãos entre sua calça e com a outra mão alisando as pernas dela. Ali, sobre seu esconderijo de possibilidades, pensou no que poderia ser mais eficaz, puxou do travesseiro e foi uma no pescoço com a faquinha afiada que ganhou do primo. Enquanto ele gritava e esguichava sangue, ela sem dizer nada, tão fria quanto ele havia sido todos aqueles anos, pegou de baixo da cama o martelo e foram trinta e três marteladas na cara da visita indesejada.

No chão uma poça de sangue, ao lado a mãe e a irmã em desespero sem saber o que fazer, em suas mãos o sangue, o martelo, e seu passaporte pra liberdade.